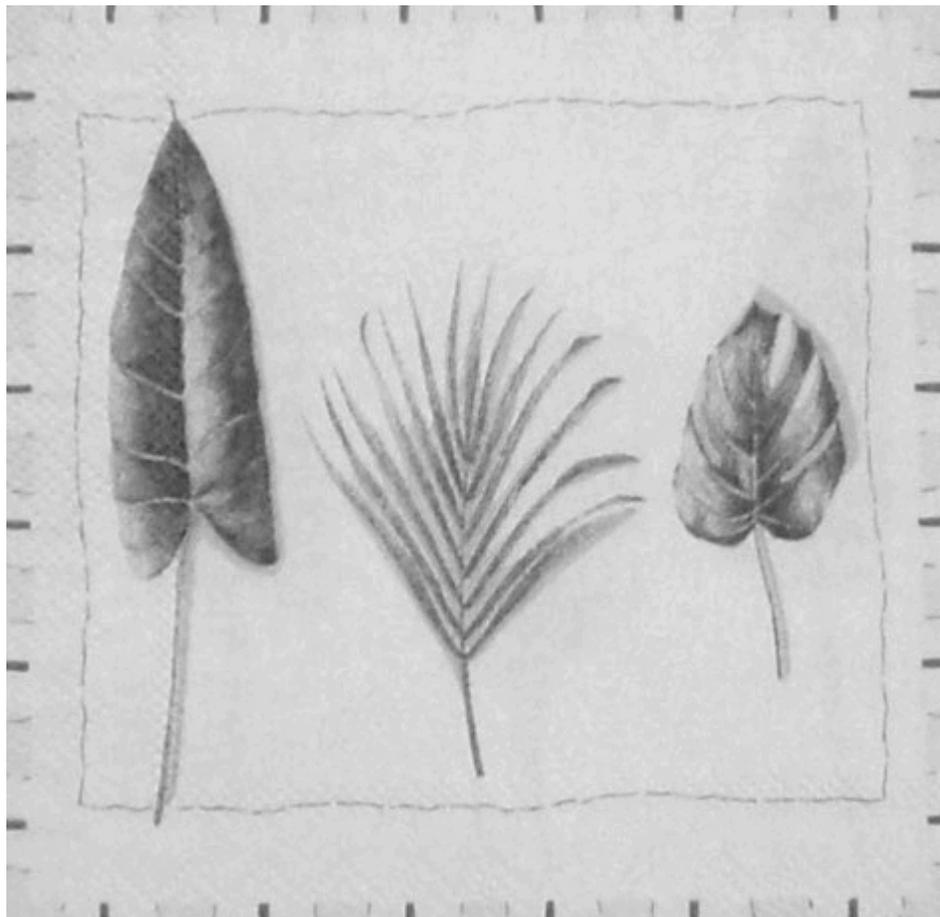


**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia**

**Maria Teresa Eglér Mantoan
(Organização)**



***Igualdade e Diferenças nas Escolas
olhares de futuras pedagogas***

Coletânea de textos escritos por alunas da disciplina
Metodologia do Ensino Fundamental – 2º Sem./2006



Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Tiragem

Digital (disponível na Internet)

Capa

Folhas secas

Impressão e acabamento

FE/UNICAMP & Gráfica Central/UNICAMP
Tel.: (19) 3521-5571
Campinas - SP

Apoio institucional

Faculdade de Educação/UNICAMP

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Ig8 Igualdade e diferenças nas escolas : olhares de futuras pedagogas / Maria Teresa Eglér Mantoan. -- Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2007.

ISBN: 978-85-7713-

1. Educação – Coletâneas. I. Mantoan, Maria Teresa Eglér.

09-0105-BFE

20ª CDD – 370

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação : Coletâneas

370

Impresso no Brasil
Janeiro - 2007
ISBN: 978-85-7713-

Sumário

Apresentação

Maria Teresa Eglér Mantoan, 5

Plano de Curso, 7

COLETÂNEA DE TEXTOS, 13

1- *Sem título*

Ana Karolina Miranda, 15

2- *Direito às diferenças e inclusão*

Beatriz Cristina Chagas, 17

3- *Numa moldura clara e simples*

Beatriz Helena Ferreira, 19

4- *Sem título*

Carolina Nozella Gama, 21

5- *Uma educação para todos: nosso desafio*

Daniela Gobbo Donadon, 23

6- *Educação inclusiva: pedra fundamental na construção do homem*

Elisângela Matter Borges, 25

7- *Sem título*

Luciana Porto Fagundes, 29

8- *“Igualdade e diferença: o equilíbrio da impermanência”*

Michele Lagoni Dias, 31

9- *Diversidade e educação: você já parou para pensar sobre este assunto?*

Monike Cristina Silva Bertucci, 33

10- *Reflexões sobre as “diferenças”*

Monique Bianchini Melin, 37

11- *Por uma educação da diferença que não exclui*

. Renata Ribeiro. 41

12- *Nível básico da educação: ponto de partida para algumas possibilidades*

Silvia Regina Cason, 47

Referências, 49

Apresentação

Nesta coletânea recolhemos textos apresentados por alunos da disciplina EP 153 - Metodologia do Ensino Fundamental, oferecida no 2º semestre de 2006 no Curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

O propósito desta publicação é reunir as idéias, os pontos de vista, as inquietações e os sentimentos de um grupo de futuros educadores, em torno de temas polêmicos que estão marcando a cena educacional, nestes últimos tempos: diferenças na escola, inclusão escolar entre outros.

Seus autores buscam, cada um à sua maneira, no seu estilo, responder a questões que foram suscitadas durante nossas aulas. Eles se expõem, com a generosidade dos que reconhecem a importância de compartilhar novos saberes e de estender o conhecimento para além das fronteiras, controle e limites de qualquer natureza.

A intenção de divulgar o que aprendemos juntos, enredando conhecimentos, entrelaçando os conteúdos estudados com nossas experiências de vida, de trabalho, constitui também uma manifestação de solidariedade, um gesto despojado destes alunos, que marca os encontros inusitados com o (des)conhecido.

Como professora, entendo que é sempre oportuno provocar a capacidade de o aluno registrar suas idéias, desde o tempo dos primeiros desenhos, palavras e frases. A expressão genuína e espontânea do pensamento, livre para dizer o certo, o incerto, nos faz sujeitos e nos emancipa moral e intelectualmente.

Este trabalho despretensioso, que inaugura um tópico da Biblioteca Digital da Faculdade de Educação, amplia os meus propósitos de formadora de professores e me faz sentir orgulhosa desses alunos e de todos os demais, que estiveram conosco, cursando esta disciplina.

Para melhor situar o leitor no contexto desta publicação, incluo, antes dos textos, o Plano de Curso da Disciplina, tal como foi concebido e executado e página da Internet, em que trabalhamos virtualmente – muito pouco para as minhas expectativas, infelizmente! Mas vale visitá-la: <http://www.todosnos.unicamp.br>.

Agradeço às autoras as contribuições que apresentamos aos leitores e que mostram uma reflexão diversa e ampla sobre as diferenças na escola e suas repercussões na reconstrução pedagógica do ensino e na aprendizagem.

Agradeço, também, à Renata Ribeiro e à Daniela Donadon, alunas queridas, que me ajudaram na organização desta coletânea, com muita dedicação e competência.

Que seja esta a primeira de muitas publicações que promoveremos com esses objetivos e que outros professores possam se contaminar pela iniciativa.

Maria Teresa Eglér Mantoan

Campinas, janeiro de 2007

Plano de Curso

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Curso de Pedagogia

EP153 – Metodologia do Ensino Fundamental

Profa. Maria Teresa Eglér Mantoan LEPED/Unicamp – <http://fae.unicamp.br/leped>

Tel: (19) 3788 5586/ 3788 5553/ 2121 0996 e-mail: tmantoan@unicamp.br

2º semestre de 2006

Plano de Curso

Ementa: O curso tratará de aspectos teóricos e de práticas escolares do Ensino Fundamental, na perspectiva de uma escola comum para todos - ensino inclusivo. Abordaremos as inovações educacionais que subjazem a essas práticas e que afetam a organização administrativa e pedagógica das escolas.

Objetivos

Discutir essa etapa da educação básica e o acesso de todos os alunos à escola, a partir de:

- *políticas educacionais e legislação;*
- *o conceito de inclusão;*
- *transformação de sistemas educacionais;*
- *experiências de resignificação e novas direções das práticas de educação escolar;*

- *identidade profissional do professor e dos especialistas;*
- *o aluno na perspectiva inclusiva;*
- *aprimoramento profissional dos professores.*

Conteúdos

Redimensionamento da organização escolar e das práticas de Ensino Fundamental, para atender às novas propostas de uma escola para todos.

Escolas abertas às diferenças – O que são? Por quê? Como fazer inclusão escolar?

A formação de professores no contexto das inovações escolares que adotam princípios inclusivos.

Atividades

Aulas presenciais e virtuais, chats, fórum de discussão, seminários; resenhas de livros, artigos; trabalhos em grupo.

Avaliação

Constará da participação nos trabalhos acima descritos e de uma auto-avaliação do desempenho dos alunos em todas as atividades do curso.

Bibliografia da Disciplina

ALVES, N. e LEITE GARCIA, R. (orgs.) (1999). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro/RJ: D P& A.

AQUINO, J. (org) (1998). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial.

ARENDT, Hanna. (1992). *Entre o passado e o futuro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.

BARBOSA MOREIRA, A.F. (org.). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, Sp: Papirus, 1999.

BRANDÃO, Z. (org.) (1994). *A crise dos paradigmas e a educação*. 3ª edição, São Paulo: Cortez.

DUBY, Georges (1999). *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Trad. Eugênio M. da Silva, Maria Regina B. Osório. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado – (Prismas).

ELIAS, Marisa del Cioppo. (1997). *Célèstin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis: Vozes.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.) (2001). *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A

FERREIRA, Gláucia de Mello (org.) (2003). *Palavra de Professor (a): tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet*. Campinas: Mercado das Letras Edições e Livraria LTDA.

FREINET, Célestin. (1961) *Méthode Naturelle de lecture*. Bibliothèque de l'École Moderne. Cannes: Imprimerie CEL Freinet.

FREINET Célestin. (1977). *A leitura pela imprensa na escola*. Lisboa: Distribuidora Nacional de Livros.

IMBERNÓN, F. (org.) (2000). *A Educação no Século XXI – os desafios do futuro imediato*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed.

LARROSA, J. e PÉREZ de LARA, N. (orgs.) (1998). *Imagens do outro; tradução de Celso Márcio Teixeira*. Petrópolis/RJ: Vozes.

LARROSSA, J., SKLIAR, C. (orgs.) (2001). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica.

MANTOAN, M. T. E. (1997) *Ser ou estar, eis a questão. Compreendendo o déficit intelectual*. Rio de Janeiro: WVA Editores.

MANTOAN, M. T. E. (1998). *Integração/Inclusão – escola (de qualidade) para todos*. *Pátio – revista pedagógica* 2,(5), 48-51

MANTOAN, M. T. E. (2000). *Ensinando a turma toda – as diferenças na escola*. *Pátio – revista pedagógica – ARTMED/ Porto Alegre RS, Ano V, nº 20, Fev/Abr/2002, pp.18-*

MANTOAN, M. T. E. (1998). *Todas as crianças são bem-vindas à escola*. Apostila. Faculdade de Educação/ Unicamp – Campinas/SP.

MANTOAN, M. T. E. (2000). *Não há mal que sempre dure* Apostila. Faculdade de Educação/ Unicamp – Campinas/SP.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.), (2002). *Caminhos pedagógicos da inclusão*. São Paulo: Memnon - edições científicas.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, (2003). *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Editora Moderna.

MORIN, Edgar. (2001). *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

NAJMANOVICH, Denise (2001). *O sujeito encarnado - questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: D P& A: SEPE

OLIVEIRA, I.B. de (org.) (1999). *A democracia no cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: DP&A SEPE

RANCIÈRE, J. (2002). *O mestre ignorante. Cinco estudos sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica.

SAMPAIO , Rosa Maria Whitaker Ferreira.(989). *Freinet: evolução histórica e atualidades*.São Paulo: Editora Scipione.

SILVA, T. T. da. *Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomás Tadeu da (org.).(2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

STAIMBACK, S. e STAIMBACK, W. (orgs.) (1999). *Inclusão, um guia para professores*. Porto Alegre: Artes Médicas.

TRINDADE, A.L., SANTOS, R.dos.(orgs.) (2000). *Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola*. 2ªed. – Rio de Janeiro: DP&A.

WERNECK, C. (1999). *Quem cabe no seu todos?* Rio de Janeiro: WVA Editores.

Outras Fontes Utilizadas

- *trabalhos não publicados e apresentados em congressos, simpósios e encontros (anais);*
- *livros de autoria de sociedades, associações, entidades públicas e similares;*
- *artigos em jornais e de revistas especializadas ou não especializadas, entrevistas;*
- *documentos oficiais: federais, estaduais e municipais;*
- *pareceres, deliberações; leis, cartilhas sobre direitos humanos;*
- *materiais não impressos: filmes, fitas cassete;*
- *apostilas e outros.*

COLETÂNEA DE TEXTOS

Sem título

Ana Karolina Miranda

Visto que a estrutura e o funcionamento de nossa sociedade estão intimamente ligados à produção e reprodução dos conhecimentos adquiridos pela humanidade desde o surgimento do Homem até aqui, o ato de educar já poderia ser considerado deveras importante. Não obstante, uma educação tradicional – ainda predominante nas escolas atualmente – não é mais capaz de contemplar as necessidades e aspirações dos alunos, o que propicia o desejo de transformação das práticas de sala de aula de muitos professores.

Por outro lado, mantém outros encobertos pelo véu da ignorância, uma vez que entrar em crise de paradigmas significa instabilidade, o que exige se desvincular da comodidade da pedagogia do fracasso dos alunos e se abrir para uma nova concepção, na qual se deve oferecer o maior número de possibilidades para o aluno aprender, além de se superar o mito do método pronto e adequado ao ensino de todos.

É um trabalho que requer reflexão e auto-avaliação constantes das práticas aplicadas, por isso é preciso sentir prazer em participar ativamente desse processo que nunca terá final.

Mantoan cita John Rawls (2002), que evidencia aspectos relevantes para a problematização das questões abordadas quando:

“...sugere, então, uma igualdade democrática, que combina o princípio da igualdade de oportunidades com o princípio da diferença (...) ao combinar os dois princípios, RAWLS reconhece que as desigualdades naturais e sociais são imerecidas e precisam ser reparadas e compensadas, e o princípio da diferença é o que garante essa reparação, visando à igualdade.” (MANTOAN, 2006)

Uma escola democrática se inicia por esse caminho: proporcionar a todos a igualdade de oportunidades para aprender, não através de uma metodologia compartimentalizada - em que os conhecimentos são sistematizados em protodisciplinas - e imbuída de estereótipos e preconceitos, mas sim através de uma didática abrangente, que possa alcançar e respeitar as diferenças sem descaracterizá-las, em que a busca pelo saber seja o objetivo principal, sem a preocupação de internalização de fundamentos enquadrados em uma determinada disciplina que não fazem sentido para as crianças, isoladamente .

Como consequência será promovida a emancipação intelectual, antes vislumbrada apenas por alguns.

Universidade Estadual de Campinas

Graduanda 3º ano - Pedagogia

Faculdade de Educação

Direito às diferenças e Inclusão

Beatriz Cristina Chagas

É necessário que se lute pelo direito à diferença e fazê-lo é, por exemplo, lutar contra as idéias de escola única, contra a perda das identidades coletivas e contra a robotização social.

É de fundamental importância que os alunos jamais sejam desvalorizados e inferiorizados pelas suas diferenças, tanto nas escolas comuns, quanto nas especiais. Ao ensinar a turma toda, temos que ter em mente que as crianças sempre sabem alguma coisa, e que todos podem aprender, mas de acordo com seu jeito e seu tempo. O professor deve manter uma alta expectativa em relação às capacidades do aluno e jamais desistir de ajudá-lo a superar os obstáculos. É necessário que se proponha atividades abertas, diversificadas, isto é, atividades que possam ser abordadas por diferentes níveis de compreensão e de desempenho dos alunos e em que não se destaquem os que sabem mais ou os que sabem menos.

Precisamos ter em mente que as turmas escolares, são e serão sempre desiguais. E talvez a maior luta das pessoas que lutam pela inclusão seja fazer com que todos entendam que a escola é um lugar privilegiado de encontro com o outro. Este outro que é, sempre e necessariamente, diferente. É necessário que se repense e se rompa com o modelo educacional elitista de nossas escolas e que se reconheça a igualdade de aprender como ponto de partida, e as diferenças no aprendizado como processo e ponto de chegada.

O ensino escolar brasileiro é aberto a poucos, sobretudo no caso de alunos deficientes. Além disso, a inclusão escolar tem sido mal compreendida sobre seu apelo a mudanças nas escolas. Ainda há muita resistência. Problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos que distorcem o sentido da inclusão escolar são também grandes barreiras a serem enfrentadas pelos que defendem essa inclusão.

Inúmeros são os desafios, mas lutar por direitos iguais para todos, sobretudo no que diz respeito à educação, deve ser o grande objetivo daqueles que buscam um sistema escolar justo e preparado para atender a todos.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano - Pedagogia

Numa moldura clara e simples

Beatriz Helena Ferreira

Reflexão. Não existe outra palavra que possa traduzir com tamanha fidedignidade as tantas experiências vividas ao dar início a procura de conflitos com determinados padrões. Perdi-me ao encontrar as certezas e as contradições. Este encontro me proporcionou um direcionamento de pensamentos sobre aquilo que sou, a ponto de alcançar análises profundas de idéias, situações e problemas. Decidi, portanto, subir a uma pedra mais alta, onde medo e grande confusão encontrei. Como na reflexão, ocorreu-me um desvio de direção das ondas luminosas que encontram um corpo interposto: as histórias me contaram desde pequena, continuam contando todos os dias. Tentei sim tudo resolver, ao abrir os olhos e em seguida fugir desses tais paradigmas: vou agora em busca dos meus.

Desde então, me dei conta que detenho um curioso poder: posso mudar meus significados, meu signo, meus comportamentos e conceitos, que, por sua vez, chegaram até mim depois de se modificarem muitas e muitas vezes. Tomei posse, portanto dessas ferramentas tanto nas mãos, e nos pés, e uni-os aos motivos de sobra que tenho para através das diferenças valorizar tudo e todos a minha volta. As escolhas que fiz em busca dos melhores atos, dos melhores sabores, das melhores melodias e dos melhores personagens que me compõem, criei um estilo de viver mais adocicado, valorizando que a única coisa que todos tem igual é a diferença, sou apenas sujeito simples. Cativar. Uma maneira sempre improvisada de viver a vida, de sobreviver o dia, de ressaltar os tombos e relacionar as idéias.

Foi ai que um dia, um Menino me disse que as pessoas grandes adoram números. Ele disse que quando ele encontra um amigo novo, as pessoas grandes nunca se informam do essencial. Nunca perguntam qual é o som da sua voz, quais os brinquedos preferem ou se coleciona borboletas. Mas sempre repetem as mesmas perguntas: qual é sua idade, onde mora, quanto irmão tem, quanto ganha seu pai. Se o principal motivo desse texto era apresentar uma discussão sobre as “reflexões” feitas sobre Educação, sinto-me à vontade para dizer, através dos sentimentos acima descritos, que quando alguém me disser que estou errada, que não vai Z no sorriso e não vai S em feliz, que o S pode ter som de Z e o CH pode ter som de X, acreditarei sempre que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz. Sou mera moldura. Compreendo que onde quer que eu esteja posso encontrar, no outro, respostas certas e essenciais (tão perfeitas para o Menino) e assim um lindo livro colorir. Estará, portanto, refletida, até mesmo na capa e contra capa, a beleza da contradição.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano - Pedagogia

Sem título

Carolina Nozella Gama

Pensar educação é um processo que vem ocorrendo há bastante tempo, revelando-se até como algo inerente à sociedade. Afinal, não é o compartilhamento de conhecimentos, através das diversas formas de linguagem, o que difere os seres humanos dos outros animais?

Refletir então sobre processos educacionais faz-se uma tarefa importantíssima, cuja base deveria palpar-se nos seguintes questionamentos: Concordamos com a lógica como se organiza a sociedade em que vivemos? Qual é, ou tem sido, o papel da escola nesta sociedade? Reforçar valores capitalistas mesquinhos e cruéis como a competitividade e o individualismo, reproduzindo a desigualdade e exclusão social, ou valorizar a livre expressão; a cooperação; a autonomia, e o trabalho, a fim de resistir a esta lógica?

Não compartilho da idéia salvacionista de que a educação pode mudar (salvar) o país, tenho ciência de que esta mudança é muito mais complexa, porém, nós educadores temos a obrigação de pensar e comprometermo-nos politicamente, pois sabemos que a educação é marcada, e disputada historicamente como um instrumento político que envolve interesses.

Temos medo de escolher um caminho e trilhá-lo sem saber se esta será a escolha certa. Buscamos modelos, verdades, métodos garantidos que nos salvem, mas não encontramos, pois eles não existem! Não há um modelo perfeito e mágico de educação.

Penso que o que há é resistência perante o que não concordamos, resistência que compreende compromisso e luta por aquilo que acreditamos.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano - Pedagogia

Uma educação para todos: nosso desafio

Daniela Gobbo Donadon

As atuais discussões vivenciadas por estudiosos da educação, que finalmente passaram a envolver também as pessoas ligadas diretamente às práticas educacionais, são uma empreitada no sentido de desnudar características implícitas não apenas nas concepções sobre educação, mas nos paradigmas vivenciados pela atual sociedade como um todo, paradigmas estes que devem ser superados para que as tão necessárias mudanças na área educacional aconteçam.

Fazendo das diferenças e da inclusão boas causas pelas quais lutar, o debate educacional tem se aprofundado, denunciando os limites e ambigüidades de diversos discursos em pauta nas discussões educacionais, atentando sempre para as ciladas nas quais muitas vezes caímos. Para não cair nas ciladas da igualdade e das diferenças “*vale, contudo, a ressalva de sermos iguais, quando a diferença nos inferioriza e de sermos diferentes, quando a igualdade nos descaracteriza.*” (SOUZA SANTOS, 1995).

Deve-se observar que se faz necessário encarar os desafios da inclusão escolar sem tomar medidas que busquem mascarar, através de pequenas adaptações, a realidade gritante da incompatibilidade do modelo conservador e tradicional de ensino com uma proposta de educação inclusiva. A transformação necessária visa uma re-significação da escola no sentido de uma grande mudança no seu currículo, na sua prática pedagógica e administrativa, nas suas atividades e metodologias, proporcionando uma maior qualidade

de ensino, o que permitirá uma melhor educação de todos e não apenas a inclusão de uma suposta minoria.

E esta transformação deve ocorrer a partir de uma concepção transversal da organização do currículo, da implantação dos ciclos que eliminam a seriação e a reprovação, além de acontecer com base em práticas que priorizam a emancipação do aluno e o trabalho coletivo onde os alunos participam e possuem a co-autoria do conhecimento.

Toda essa discussão em torno da educação e de novas propostas dispostas a romper com a realidade educacional cruel e excludente que está posta atualmente deve permitir que futuras educadoras se conscientizem da importância de lutar por uma escola diferente, uma escola democrática.

As dificuldades impostas pelo atual sistema de ensino são reais e muitas vezes acabam sendo vistas como muralhas a serem transpostas. A mensagem que deve ecoar em cada educadora disposta a lutar por aquilo que acredita é que por mais difícil que seja a empreitada, não podemos fechar os olhos para tudo que acreditamos em virtude das dificuldades no caminho e que se a luta por uma escola para todos de alguma forma nos toca, vale lembrar sempre que:

“Devemos ser nós mesmos a mudança que queremos no mundo”

Mahatma Gandhi

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano - Pedagogia

Educação Inclusiva: Pedra Fundamental na Construção do Homem

Elisângela Matter Borges

“Educar é impregnar o cotidiano do aluno de significado”

Paulo Freire

O aprender faz parte do ser humano. O ensino em sala de aula não é suficiente para comprovarmos que o aluno aprendeu. Como afirma Mantoan (2002) a escola foi idealizada e programada para ensinar grupos homogêneos de alunos, porém é preciso uma quebra de paradigma a fim de mudar a lógica da construção do conhecimento.

O principal fator a ser mudado é o sentido do que é a aula, é preciso proporcionar aprendizagem e não treinamento. É fundamental uma pedagogia da alteridade, e que as diferenças possam ser o que nos completa e que as individualidades sejam respeitadas.

Existe um jogo de poder no que se refere à identidade, pois a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Pode-se dizer que onde existe diferenciação as diferenças podem nos identificar e assim nos incluir como “bom para”... ou nos descartar e excluir. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas à forma pela qual a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade, sendo que existem os normais e os diferentes. Essas diferenças, na maioria das vezes, são de classe, raciais, de nacionalidade etc. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como “a identidade”.

Para uma transformação real e plena é preciso mudar algo dentro do ser humano a começar pelo próprio professor em transformar a sua docência em paixão. É preciso saber para onde queremos ir, porém o caminho só será conhecido e percorrido na prática.

Para Garcia (1999), o que se buscam são idéias salvadoras, mas que nenhuma idéia é portadora de uma verdade absoluta. No entanto falta a consciência de que é preciso a construção de um homem solidário, fraterno, tolerante e aberto a novas experiências, estas que podem ser adquiridas no convívio com a coletividade, e não tentar se isolar como se dessas experiências com o outro não pudéssemos aprender absolutamente nada de novo ou de valor, preferindo a falsa e pobre liberdade atrás de um muro e grades de proteção ou até mesmo de um método que limita o conhecimento do educando a repetir padrões.

Os alunos não querem somente adultos que lecionem, mas que também eduquem que não apenas lhes apresentem o mundo, mas que também lhes mostre como ele caminha e como viver bem no contexto em que está inserido.

Falta sensibilidade para entender a nossa real condição e qual é nosso papel dentro do sistema em que estamos inseridos, de percebermos que estamos todos juntos e o que nos falta é solidariedade e compaixão, enfim “sabedoria” que excede as “grandezas” de nossa sociedade capitalista que devora as possibilidades por causa da competitividade.

A sabedoria comporta a inteligência e envolve sentimentos de solidariedade pelas questões comuns, e o mais interessante é que ela não está escondida, nem temos que fazer esforço para encontrá-la, ao contrário, está bem perto de nós e todos podemos alcançá-la, ela está no amor, na solidariedade, na vontade de compartilhar o que sabemos. Como refere Morin (2001) está na união e não na separação, e nós seres desse tempo, seres histórico-culturais temos a plena capacidade de exercê-la, e assim transformar o futuro homem que existe em cada criança para uma transformação na sociedade brasileira.

Faculdade Comunitária de Campinas – Unidade III

Graduanda 3º ano - Pedagogia.

Aluna Especial da disciplina Metodologia do Ens. Fundamental

Sem título

Luciana Porto Fagundes

Pensar educação é pensar de forma global e interdependente. É um pensar social.

Se o modelo educacional que temos e seguimos é deficiente podemos, então, concluir que somos e estamos deficientes como educadores, alunos, indivíduos e cidadãos.

Nessa sociedade moderna, globalizada e industrial, onde a organização hierárquica (verticalizada) nos “*desumaniza*”, encontramos obstáculos aparentemente intransponíveis, pois o reconhecimento de boa educação está no conteúdo, na homogeneidade, na educação para o “fazer”, na diferenciação entre aptos e não aptos.

O grande desafio da educação é “*humanizar*” e “*democratizar*” o ensino “*robotizador*” que temos hoje.

Pensar em “*humanização*” e “*democratização*” é trazer o foco para a formação do aluno, indivíduo e cidadão, levando em conta a sua história, suas afinidades (escolhas/preferências), suas capacidades/limitações; tendo um conteúdo programático abrangente, plural, flexível e com objetivos múltiplos (formação para a vida, para a família, para a sociedade e para o trabalho).

Um dos desafios é lutar contra uma estrutura super organizada, de fácil adaptação que conta com “recursos” rápidos de comunicação e “robotização” que têm muito mais apelo que os poucos e defasados recursos que a escola (dessa educação que está “em crise”) dispõe.

Outro desafio está na inserção dessa educação dentro da sociedade robotizada. Como investir em mudanças quando aos olhos dos outros estamos sem crise? Como agir de

forma democrática se o desejo de mudança entre educadores e sociedade não é mútuo? Por onde começar?

Algo que pude ver é que o grande passo está dado. Mais importante do que ver a mudança ou desejá-la, é entender que ela precisa ocorrer e a razão para tal.

Ela pode estar em Piaget, em Rousseau, em Rogers e Dewey, em mim, em você e em nós todos (aleatória ou simultaneamente).

Mas, o mais importante, ela primeiro precisa existir em você: educador, aluno, indivíduo, cidadão.

Muitas crises para você!

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano – Pedagogia

“Igualdade e diferença: o equilíbrio da impermanência”

Michele Langoni Dias

Meu objetivo hoje é, através deste texto, falar da contribuição que esta matéria me trouxe. E senti que na verdade, essa contribuição começou antes. Estamos discutindo desde o início deste ano conceitos como igualdade e diferença, inclusão e exclusão dentro do contexto da escola atual.

Lembrei-me do nosso último seminário. Ao final da aula, tive que sair antecipadamente, muito contrariada devido a maneira como se encaminhava a discussão. Falávamos sobre uma personalidade que representasse a nova realidade que está se construindo.

Não há melhor líder que demonstre, encarne os princípios desse novo conceito de diferença e igualdade que Dalai Lama. Foi dito ser um líder sem país, sem templos, sem lugar definido no mundo. Foi quando precisei sair, muito contrariada e engasgada, é verdade.

Lembrei-me do livro *Ciladas da diferença*, de Pierucci (1999). Estava mesmo sentindo uma pulguinha atrás da minha orelha ao lê-lo. Como se já tivéssemos sido apresentados, não sei onde, não sei por quem. Na verdade, não o havia lido. Mas o livro me remetia a conceitos bastante conhecidos.

Em determinado ponto de minha leitura, tive o que para mim se mostrou como uma incrível visão. Igualdade e diferença são na verdade, iguais. São iguais porquê são conceitos e assim sendo podem ser utilizados de qualquer maneira, seja para incluir ou excluir. Muito embora uma forma tenha somente conotação positiva e outra negativa, se

analiso ambas em seus usos, percebo que uma sempre carrega a outra em seu lado obscuro de Lilith. Indissociavelmente. Por isso, nenhuma das duas aplicadas de maneira radical (que vem de raiz), é boa. Encontrar o aspecto positivo de ambas e promover sua convivência harmônica é o ideal para o equilíbrio.

Mas onde está o Dalai Lama nessa estória toda?

O que é o símbolo do I-Ching senão a proposição do equilíbrio entre as antíteses em favor do equilíbrio? Onde tudo o que é pode não mais ser? Tudo o que se vê como claro só assim se mostra devido a ausência do escuro, ou ainda a presença da luz?

O Dalai Lama nos fala da transitoriedade e da impermanência das coisas. De que nem tudo que é igualdade é bom e nem toda a diferença é ruim. De que devemos ter como certeza, somente a impermanência. Sem verdades fechadas e absolutas.

Mas em quê este conceito se reflete na educação? E nesta matéria? Em tudo. Entendo porque para mim não é difícil a compreensão dos conceitos apresentados. O que mais aprendi nesta matéria é que nada pode e nem deve ser definitivo dentro da educação. Se assim é, não acontece naturalmente. Devemos sempre nos manter abertos a mudança. E mais, procurarmos ser este agente que promove as mudanças necessárias.

Para isso, não podemos nos fechar. Não devemos também nos fixar em um “país” de conceitos engessados, em “templos” de saber eterno que não evoluem junto às nossas crianças. Mas posso definir meu lugar no mundo: um lugar onde a reflexão e a auto-crítica sejam os idiomas e a moeda corrente.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano – Pedagogia

Diversidade e educação: você já parou para pensar sobre este assunto?

Monike Cristina Silva Bertucci

“Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.”

Mantoan (2001)

Você já encontrou alguma pessoa que fosse igualzinha a você? Tem certeza? Talvez você tenha encontrado, em sua vida, pessoas muito parecidas, com muitas afinidades, mas nunca encontrou uma cópia fiel de você mesmo. E será que essas outras pessoas pensam, sentem, sonham ou aprendem como você?

Penso que este é um bom início para falarmos sobre diversidade e educação. Da mesma forma que constatamos as diferenças em nosso dia-a-dia e nossos relacionamentos, nós as encontramos na educação e na escola. Mas será que elas estão sendo respeitadas, ou simplesmente ignoradas?

O diferente sempre causou receio, medo e negação. Temos a tendência de repudiar o diferente, de minimizá-lo. É o que se faz com as pessoas com necessidades especiais e outros grupos de “diferentes”. Mas, nós todos somos diferentes... lembra-se? E ao mesmo tempo iguais, ou será que essas diferenças afetam a nossa condição de seres humanos? Somos todos seres humanos.

Assim como refutamos a diferença, valorizamos a igualdade e procuramos os nossos “iguais” para nos relacionarmos: formamos grupos. O homem é um ser social, por isso sente a necessidade de relacionar-se, estar com alguém, de preferência que partilhe as mesmas idéias, gostos e sonhos, isto é, que se aproximem dos nossos, que sejam parecidos,

não iguais. É muito bom relacionar-se, fazer amigos, ter com quem conversar, partilhar, rir, chorar, planejar a vida... é assim que vivemos. Não dá para ser e fazer a humanidade isoladamente, mas há que se lembrar, como bem nos diz Santos (1995), *“é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza.”*

As diferentes visões, gostos, pensamento, sonhos e as interações que estabelecemos é que nos fazem crescer e caminhar. Só procuramos uma solução quando temos um problema, impasse ou conflito a nos afligir, especialmente se há alguém de quem gostamos, envolvido nesta situação. Procuramos resolver, buscar caminhos e alternativas para não nos afastarmos, para não deixar que nossas diferenças nos separem.

Também é assim na educação e na escola: nós todos temos capacidade de aprender, cada qual no seu ritmo, com seus esquemas mentais, suas estratégias... infelizmente, não se aprende de maneira homogênea, como parecem acreditar aqueles que colocam várias pessoas com a faixa etária muito parecida (diferença de dias ou meses) em uma sala, onde se usa o mesmo tipo de roupa, faz-se o mesmo exercício e esperam que todos dêem a mesma resposta, num grande coro de preferência.... Falta respeito às diferenças...

Freire já nos falava sobre uma educação inclusiva quando afirmou:

“...uma educação orientada para a autenticidade, propõe condições e métodos para que ninguém seja mais excluído ou posto à margem da vida [...] que colocasse – o homem – em diálogo constante com o outro [...] teria de ser uma tentativa de constante mudança de atitude”. (FREIRE, 1980, p.93)

Diversificação dos instrumentos de ensino e aprendizagem e disposição para trabalhar com estas diferenças, porque não é fácil. – Não significa individualizar o

atendimento escolar, mas atentar-se às diferentes formas com que as pessoas trabalham e se relacionam com estes instrumentos e com a escola. Significa aproximar as pessoas e valorizar suas participações e contribuições para que, cada vez mais, aconteçam interações e ligações, ou seja, para que ocorra o estabelecimento de redes que geram a riqueza de opiniões, valores, conhecimento e vida. Isto é respeitar as diferenças e a diversidade na sala de aula; isto é incluir!

Faculdade de Ciências e Tecnologia

de Birigui – Pedagogia (graduou-se em 2004)

Aluna Especial da disciplina Metodologia do Ens. Fundamental

Reflexões sobre as “diferenças”

Monique Bianchini Melin

Discutir Educação não é nada fácil. Discutir sobre “diferenças” também não é, pois são muitos valores, pensamentos e idéias que são tidas como “verdades absolutas” que estão em jogo, mas que com certeza não o são e não podemos negar que cada vez mais se fala sobre a inclusão na área educacional. Por onde começar?

“A sabedoria popular nos ensina, enfim, que uma coisa pode ser verdadeira, mesmo que não seja nem bela nem santa nem boa”, frase de Max Weber, é um ótimo começo para a discussão sobre educação e inclusão. A questão do racismo, por exemplo, não é algo que devemos ter orgulhar, mas é fato e está presente na sociedade, assim como os preconceitos de modo geral, a miscigenação, a estatização, o sexismo, dentre outros. Como lidarmos com isso? O que as pessoas pensam sobre isso? E, sobretudo, como agem frente a uma dessas questões? Algumas idéias populares não mudam mesmo com o passar do tempo (até mesmo séculos!). Em minha opinião é uma questão de cultura. Os valores, pensamentos e as atitudes são transmitidos conscientes ou inconscientes através das gerações, é algo muito forte.

Mesmo sabendo que alguns hábitos ou pensamentos são errados, as pessoas continuam a acreditar, a seguir e a agir da mesma forma como lhes fora ensinado, já que “a sabedoria dos mais velhos é verdadeira”. O que será que falta para as pessoas pensarem por si próprias, formularem suas próprias conclusões e perceberem que as coisas não são exatamente como lhes foram transmitidas? Que é necessário ter consciência, tentar evoluir, em vários aspectos, inclusive espiritualmente?

Cada vez mais nota-se a tendência da “exclusão do diferente”. O que nos faz ter repúdio às diferenças? Seria a incapacidade de admiti-las? De achar que determinadas características possuem mais ou menos valor que outras? Quem determina esses valores? É claro que a sociedade cria tais valores, mas não há uma verdade absoluta sobre eles. As pessoas são desvalorizadas em suas diferenças, sendo que se fôssemos levar à risca esse quesito, então, todas as pessoas seriam discriminadas e ao mesmo tempo, discriminariam as outras, já que todos somos diferentes. Percebe-se o quanto esse pensamento é errado. Por sorte não temos toda a sociedade “preconceituosa ao extremo”. Mas os estereótipos não seriam também uma forma de preconceito?

Creio que as pessoas “iguais” (ex. negros, mulheres, homossexuais, idosos) formam grupos, ONGs, etc. como forma de trocarem experiências sobre os problemas que os cercam no cotidiano. Assim, se sentem mais “fortes” ou “preparados” para enfrentar algum tipo de situação que possa vir a ocorrer. Mas penso, seria também uma forma de preconceito? Quem não se enquadra nos quesitos do grupo está de fora, não é mesmo? Parece-me que a tendência é sempre agregar semelhantes, afastar diferentes, mesmo porque a própria convivência em sociedade assim o faz. Como proceder então? Aceitar as diferenças, conviver com elas, trocar experiências, tomar consciência sobre o mundo diferente? Deveríamos seguir o exemplo da natureza, que mesmo com todas as suas diferenças (ecossistemas, elementos, ciclos, etc), o resultado final consiste num perfeito equilíbrio.

A partir de então, podemos discutir inclusão na educação. Repito que não é uma tarefa fácil, mas necessária. Enquanto não mudarmos nossas próprias concepções, de nada adiantará promover discussões. A “visão de mundo” precisa mudar, para assim a educação

também mudar, chegando a um novo paradigma e, quem sabe, transformar o mundo num lugar mais humano, solidário e justo. A inclusão é possível, basta sermos ousados.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda 3º ano – Pedagogia

Por Uma Educação da Diferença que não Exclui

Renata Ribeiro

O momento atual é um momento em que não temos mais verdades inabaláveis. Vivemos em um período de crise e isto nos dá a sensação desconfortável de vazio!- Será que as respostas se esgotaram?

Incrível é notar que quanto mais conhecemos, menos sabemos (devido à complexidade da vida e do mundo). Assim dizendo, não seria uma atitude muito audaciosa querer entender absolutamente tudo? Não seria mais interessante dialogar com o mundo e com sua diversidade?

Muitas vezes achamos que o "saber tudo" nos faz livres, mas se nos fecharmos dentro desse pensamento, acabamos escravizados pelo mesmo.

“Perda ou liberação? Creio que ambas. Perda porque muita esperança se depositou no que se perdeu. Liberação porque, livres das amarras de um projeto predeterminado por pressupostos rígidos, respaldado em uma legitimidade científica, estamos abertos a novas aventuras.” (GARCIA, 1999, p.60.)

A proposta aqui lançada é a de se aceitar a multiplicidade de caminhos, pois o objetivo do conhecimento não é o de descobrir o segredo do mundo em uma só palavra, mas sim a proposição do dialogar com o mistério do mundo em suas parcialidades.

Focando esta idéia para a área da educação, podemos dizer que estamos em busca de um novo paradigma (o que temos hoje em dia não mais se encaixa às nossas necessidades). Este pensamento nos leva a questionar as origens do pensamento científico

em nossa sociedade para tentar compreender as razões pelas quais não mais encontramos respostas para os problemas atuais sobre educação.

Com a passagem do pensamento teocêntrico para o pensamento antropocêntrico, o homem passou a ser o centro do universo. Era o homem tentando entender a natureza através do empirismo e para isto, estudava as partes para compreender o todo. Este posicionamento segregacionista acabou por afetar as relações humanas onde muito foi posto em cheque: ética, respeito, educação, saúde, etc.

Não estamos fazendo uma apologia ao não conhecimento científico, mas sim um enfoque à problemática individualista de nossos tempos. Vivemos em um mundo dinâmico onde a fragmentação deixa lacunas. Daí o tão sonhado paradigma não poder ser fragmentário. Temos de viver as interligações das coisas e assim cultivar as relações solidárias entre os homens.

“O que é exigido é mais do que uma “reforma do entendimento humano”, é uma reforma do ser humano enquanto ser social-histórico, uma ética da mortalidade, uma auto-ultrapassagem da razão.” (GARCIA, 1999, p.65)

Pierucci (1999) em *Ciladas da Diferença* nos remete a olhar a diferença sobre um outro ângulo. – Temos sempre em mente que não há associação entre igualdade e diferença, sendo assim, para que todos sejam iguais, tem de se passar por cima das diferenças de forma a ver cada indivíduo sem considerar suas peculiaridades. O olhar do autor é de que diferença e igualdade podem andar conjuntamente.¹

¹ Pierucci realizou entrevistas com pessoas de bairros de classe média na cidade de São Paulo durante a segunda metade da década de oitenta. Os entrevistados eram adultos, urbanos e brancos. Quando questionados quanto ao fato de que era possível ser diferente e mesmo assim ser igual, os entrevistados reagiam de maneira

Na posição conservadora, sempre houve a idéia de separação e afirmação da diferença (não aceitação do outro). No entanto não é coerente relevar as peculiaridades de cada um, pois somos diferentes, contudo, isto não nos distancia (ou pelo menos não deveria nos distanciar). Esta idéia é complexa, mas é viável. Para se ter a tão sonhada sociedade igualitária, é preciso que essa sociedade seja igual em suas diferenças.

O texto *O Nome do Outro* de Silvia Duschatzky e Carlos Skliar (2000) diz que caracterizamos as demais pessoas para podermos nos afirmar. Ao dizer “sou branco, brasileiro e homem” também é dizer “não sou negro, não sou indiano e não sou mulher”. Isso comprova que sempre estamos nos relacionando em situações de diferenças e que estas deveriam ser compreendidas e não toleradas (pois tolerar significa fechar os olhos, fazer de conta que a perturbação não existe, que a rachadura de nossas bases também são inexistentes).

Com a área educacional também não é diferente. O que na maioria das vezes é feito é se ignorar as diferenças. - Nessa duplicidade (ignorar, não ignorar) ocorrem os conflitos permanentes entre maioria e minoria, língua oficial e língua do aluno, alta e baixa cultura, conhecimento escolar e conhecimento regional. Nessa versão, as escolas cumprem um papel de meros instrumentos de competitividade, territórios de conformidade com os códigos de integração dominantes (os outros não estão na escola, mas no currículo). É nesta parte em que entra a questão da *inclusão escolar* (fato de grande discussão).

A educação procura maneiras de solucionar a questão do acesso e da permanência dos alunos nas instituições educacionais, mas o que ainda não foi compreendido é de que os homens não são iguais em tudo. Supomos daí que não temos como solucionar esta questão

conservadora, negando esta possibilidade e afirmando que não poderiam ser comparados com negros que não trabalhavam. Negavam a idéia de igualdade na diferença.

partindo do quesito igualdade (essa igualdade que inferioriza as peculiaridades de cada aluno). Como se refere Mantoan (2006):

“Tratar as pessoas diferentemente pode enfatizar suas diferenças, assim como tratar igualmente os diferentes pode esconder as suas especificidades e excluí-las do mesmo modo e, assim sendo, ser gente é correr sempre o risco de ser diferente”.

O dilema está em mostrar ou esconder as diferenças. Como resolver esse dilema nas escolas que primam pela homogeneização dos alunos e que usam a desigualdade social como argumento em favor da exclusão?

Embora a proposta atual seja a de melhorar o ensino em todos os seus níveis, o que verificamos quase sempre é de que ainda predominam formas de organização do trabalho escolar que não se alinham na direção de uma escola de qualidade para todos os alunos.

O profissional da educação que visa ensinar a todos não tem o falar como recurso didático-pedagógico básico. Ele partilha com seus alunos a construção/autoria dos conhecimentos produzidos em uma aula. O professor não procurará eliminar as diferenças em favor de uma suposta igualdade dos alunos, que é tão almejada pelos que apregoam a (falsa) homogeneidade das salas de aula. Antes, estará atendo à singularidade das vozes que compõem a sala, promovendo o diálogo (as turmas de alunos são e sempre serão desiguais).

No texto, *O Direito de Ser, Sendo Diferente, na Escola* (MANTOAN, 2004) estão relatadas três características que o delineiam: o direito à escola regular, o direito à inclusão e uma negação ao ensino especializado como é tradicionalmente interpretado. – As escolhas a serem trabalhadas no texto têm uma intencionalidade que é a de uma escola inovadora, libertária e por assim dizer, democrática. Democrática na aceitação das diferenças e a não igualização dos componentes deste novo modelo educacional.

Ser a favor de uma escola regular que lide com os mais diversos alunos (sendo eles especiais, não especiais, semi-especiais...) é trabalhar com a inclusão. Incluir no sentido de estabelecer relações de parcerias e conhecimentos com as mais diversas estruturas. É pensar numa educação que possibilite dinamismos. É dar possibilidade ao aluno de somar seus processos aos processos de seus colegas. É trazer vida ao ambiente escolar.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Graduanda – 3º ano Pedagogia

Nível básico da educação: ponto de partida para algumas possibilidades

Silvia Regina Cason

Seria “utopia” querer que esse nível de ensino (nível básico da educação) representasse para todos os meninos e meninas desse país, ponto de partida para ‘grandes chegadas’ em suas vidas?

A escola, assim como está estruturada, tem prejudicado a trajetória educacional de muitos estudantes. Exclui aqueles que não dominam os conhecimentos que ela valoriza – não valoriza os conhecimentos que eles dominam, marginaliza as diferenças como quem está a ignorar o direito à diferença na igualdade de direitos que todos devem ter. É inclusive, injusta e discriminadora.

Por esses poucos motivos, embora gravíssimos, parece que ficou fácil responder a pergunta inicial. Entretanto, sabemos que há uma igualdade de inteligências, com a qual é possível chegar a qualquer nível de aprendizagem. Basta que se possibilite o desabrochar dessas potencialidades.

Então, para que aconteça uma transformação que faculte aos nossos alunos melhores condições de estudo, precisamos (ainda que individualmente) agir dignamente e ver no outro não algo distante e fora de nós, mas um igual – semelhante, que caminha conosco rumo a dias melhores. Assim quem sabe, poderemos num futuro nem tão distante, nos aproximarmos da realização desse ‘projeto-realizável’!

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Graduanda 3º ano - Pedagogia

RERÊNCIAS

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. *O nome dos outros. Reflexões sobre os usos escolares da diversidade*, vol. 25, n.2. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

FREIRE, Paulo. *Conscientização teoria e prática da libertação*, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Moraes, 1980.

GARCIA, Pedro Benjamim. Paradigmas em crise e a educação. In: ZAIA, Brandão (org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1999, pp.58-65.

MANTOAN, M. T. E. A inclusão escolar 'pegou a escola de calças curtas'. Boletim Informativo Ser Down, Salvador, v. 2, n. 4, p. 2-2, 2001.

MANTOAN, M. T. E. Ensinando a turma toda. Pátio - Revista Pedagógica. v. 5, n. 20, Porto Alegre: ARTMED, p. 18-23, 2002.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. Revista CEJ, Brasília, n. 26, p. 36-44, 2004.

MANTOAN, M. T. E. O direito a diferença nas escolas. Pátio - Revista Pedagógica, Porto Alegre, v. 8, n. 32, p. 12-15, 2004.

MANTOAN, M. T. E. *Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha*. Educação (PUC/RS), Porto Alegre / RS, v. XXIX, n. 1(58), p. 55-64, 2006.

MORIN, Edgard. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Entrevista com Prof. Boaventura de Souza Santos*. (On line). Disponível: <http://www.dhi.uem.br/jurandir/jurandir-boaven1.htm>, 1995.

Formatado por Gilденir C. Santos
Impressão: FE/UNICAMP